

# As palavras e a Medicina

## Words and Medicine

Barros Veloso \*

### Resumo

*O autor tece alguns comentários acerca das inovações introduzidas no vocabulário médico (tanto em português como em inglês) e levanta algumas questões sobre o seu verdadeiro significado.*

**Palavras chave:** *vocabulário médico, doente, utente.*

### Abstract

*The Author coments upon some new medical words either in portuguese or in english and raises some questions about their true meaning.*

**Key words:** *medical vocabulary, patient, client.*

Nunca senti a mais pequena simpatia por certas inovações introduzidas no nosso vocabulário que, para além de desnecessárias, interferiram fortemente no imaginário da minha infância. Aqui vão alguns exemplos. “Pingue-pongue” (assim chamado porque a um “pingue” se segue sempre um “pongue”) foi pomposamente promovido a “tênis de mesa”. As “histórias-aos-quadrinhos”, das inesquecíveis “Aventuras do Tim-Tim” publicadas no Papagaio, afrancesaram-se para “banda desenhada”. Os “truques” tão usados nas clássicas séries cinematográficas dos anos 40, passaram a ser, na era pós-spilberguiana, “efeitos especiais”.

De casos destes está também o futebol cheio. Importado do Reino Unido no princípio do século, trazia as instruções escritas em Inglês e, se alguns termos evoluíram para “futebolês” (como é o caso de *foot-ball* e *goal*), outros foram injectados à pressão no nosso vocabulário, não pela criatividade dos adeptos das bancadas, mas pelo zelo dos que, isolados em gabinetes, têm por função preservar a pureza da língua. Mas devo dizer que, para mim, ponta-pé-de-canto continua a ser *corner*, e grande penalidade, é e será sempre, *penalty*!

Vem tudo isto a propósito do vocabulário médico que, nas últimas décadas, também não escapou a esta vaga renovadora. Não me estou a referir ao uso de “*paciente*” em vez de “*doente*” – adaptação do “*patient*” anglo-sa-

xónico tão ao gosto das novas gerações de médicos. Porque *paciente* (podendo também significar doente) é, em português, uma pessoa com paciência. *Doente* é, e sempre foi, a palavra certa para significar “aquele que tem a saúde alterada”.

Mas, o mais importante, é que na história recente da Medicina se operaram outras metamorfoses linguísticas que estão longe de ser inocentes e em que estão implícitas mudanças conceptuais a que nós médicos, nem sempre temos estado atentos. Foi por sentir isso que, em 1989, numa altura em que estava no auge uma campanha de descrédito da classe médica, escrevi de jacto e com alguma raiva, um pequeno texto que apareceu no “Boletim dos Hospitais Cívicos de Lisboa” do qual me atrevo a transcrever o seguinte parágrafo:

*Numa época em que a Medicina em todo o mundo, e também entre nós, sofreu a intromissão de gente sem formação clínica – que a inquinou de um lado com o conceito da prioridade economicista e do outro lado com uma retórica mais ou menos terceiro-mundista – os médicos nem sempre foram capazes de contrapor com eficácia as suas razões. Mas, perante as estranhas mudanças que se operaram, os médicos dos H.C.L. entenderam sempre que é preciso não confundir “medicina” com “saúde”, “doentes” com “utentes”, “diagnósticos clínicos” com “diagnósticos homogêneos”, “terapêutica” com “prescrições”.*

Perguntar-se-á: a que propósito vem tudo isto? Porquê transcrever aqui um texto claramente datado, e de interesse discutível? Porque, ao folhear o número de Julho de 1995 do Journal of the Royal Society of Medicine, dei de caras com um editorial intitulado “The meaning of words in the New Health Service” no qual é feita uma pormenorizada análise desta questão, ou seja, das transformações do vocabulário médico, desta vez, no Reino Unido. É desse editorial que vou passar a citar uma pequena parte, que por razões óbvias, será reproduzido na língua de origem.

*The New Health Service has brought with it a new vocabulary. Familiar terms like ‘hospital’, ‘patient’, ‘doctor’, and ‘nurse’ have been replaced by such terms like as ‘provider unit’, ‘client’ and ‘healthcare professional’(...) Faced with this linguistic transformation one has to ask, ‘is the change in nomenclature desirable or necessary?’, ‘what do the words mean?’ and ‘does it matter?’*

*In its White Paper, The Health of the Nation, the Government states ‘the term “patient” reflects the inequality of many medical encounters with the professional in an expert and dominant role’. The government prefers the term ‘client’ which it perceives to imply ‘a willingness to seek out the views of the professi-*

\* *Director do Serviço 1 de Medicina do Hospital de Santo António dos Capuchos, Lisboa*

*onal, wich will then be taken into account when decisions are made'*

Atente-se bem nesta deliciosa explicação da preferência do Governo pela palavra "client", na qual está bem clara a preocupação de neutralizar qualquer possível ascendente do médico, que possa colocar o doente numa posição de dependência. E assim, com total irresponsabilidade, se procura privar a medicina clínica de um dos seus placebos mais poderosos: a entrega total do doente ao médico em quem confia e que por ele tomará as decisões de que depende a sua saúde.

Portanto, lá como cá, a questão essencial é saber se será possível travar estas transformações linguísticas, que tendencialmente procuram retirar ao médico o seu papel de actor principal na missão de tratar doentes. O que não é fácil porque, como dizia um colega norte-americano, "os médicos não têm amigos no governo".

Em todo o caso já ficaria satisfeito se conseguisse com este breve apontamento que, aonde actualmente se lê "Doente consulta médico", não se viesse a ler no futuro "Profissional de saúde entrevista utente".